

➤ O debate da busca de uma identidade latino-americana. Os movimentos de Vanguarda.

Prof. M. A . Daniel Soares Filho

Muito ouvimos falar de afirmação da nacionalidade e da busca de dar ao mundo a conhecer nossas características. Entretanto, esquecemos, algumas vezes, de entender como estamos inseridos em um contexto continental. Tal percepção nos facilita entender nosso processo de independência cultural e principalmente nos abre as portas para um aprofundamento do que somos e onde estamos no contexto global.

O objetivo deste trabalho é discutir e apresentar alguns movimentos latino-americanos e a partir deste ponto poder compor um quadro do que é América latina hoje.

Para tal, devemos começar por entender como a poesia no modernismo(1) hispano-americano entra em crise e de que maneira isto se refletirá nos novos poetas.

É notória a dificuldade de se poder definir o que venha a ser modernismo e o quanto também é tarefa difícil situar sua cronologia com total segurança. Entretanto, podemos delinear algumas de suas características a fim de desenvolver a questão das vanguardas.

Em resumo, nossa proposta é verificar de que forma o movimento do final do século passado possibilita o surgimento de novas expressões literárias do princípio do século XX.

Dois grandes críticos literários estão de acordo com a maneira de classificar o movimento modernista a partir de um texto de Federico de Onís, que revela o caráter de crise universal, que estará refletida em vários âmbitos das expressões humanas (sejam elas, a arte, a religião, a política e etc.)

Tanto a professora Jean Franco quanto o professor Luis Sáinz de Medrano tomam como referência a importância do modernismo para os novos rumos da literatura. Diz Franco (1999) que El movimiento no produjo ningún manifiesto y un apresurado repaso a las antologías del modernismo revela la existencia de estilos ampliamente divergentes, que van desde el "parnasianismo" de ciertas fases de la obra de Rubén Darío, hasta el simbolismo o el romanticismo tardío de José Asunción Silva.(p. 133)

O professor e crítico Sáinz de Medrano (1992) corrobora ao demonstra também "la amplitud del movimiento dentro, se entiende, del mundo occidental." (p.18).

O movimento modernista ganhou dimensões maiores que a área estritamente artística. Na verdade, o sentimento de incerteza, a desestruturação da ordem social e a contestação da fé religiosa que tomavam conta da vida de fim de século fizeram com que o modernismo traduzisse esta crise em termos estéticos, onde "la crisis y el reposo, la contradicción y la resolución, se plasman en las imágenes." (FRANCO, 1999, p. 134).

A busca da harmonia no verso, refletida na preocupação com a realidade estética, com o preciosismo, a musicalidade, em fim, com a forma, trouxe à superfície o questionamento de tantos conflitos. Ao mesmo tempo que se buscou burilar a forma, "la adhesión de los modernistas a la belleza significó [...] una posición de rebeldía". (SAINZ DE MEDRANO, p. 22)

Todavia, este procedimento através da palavra no poderia seguir mais adiante. A insistência nesta busca do aprimoramento das relações sociais através da literatura, fez com que os modernistas não fossem capazes de perceber, segundo o professor Medrano, que "lo que comenzó siendo un desafío podía convertirse en un ritual anquilosado". E vai mais além o crítico espanhol, quando diz que com tal atitude "llegaron a sofocar la significación real y la auténtica imagen del modernismo, al querer prolongarlo cuando su misión estaba cumplida."(p. 22)

Aberta a questão da crise, começa a busca de recuperação das formas. Agora não mais tão somente através da harmonia dos versos. O conflito gerado faz com que o escritor se questione. Até que ponto foi a forma perfeita que reconstruiu as relações partidas? Quais teriam sido as colaborações de tantas palavras?

Através da linguagem, sua própria arma, o homem começa a reconhecer a falibilidade da poesia, e conseqüentemente de sua própria existência. Ao perceber a fratura interior originada da relação entre o signo lingüístico e as coisas, os poetas procuraram acudir sua expressão através da metáfora e da imagem. Destaca-se nesta busca a utilização da imagem perceptiva muitas vezes desligada de seu significado primordial. Este ato mostra a tentativa de obter-se uma aproximação - em diversos sentidos - ao conceito intelectual intuído.

Por estar certo de que a poesia falha ao tentar comunicar a realidade, o escritor perceberá o conflito gerado com a linguagem e não com a realidade, que inclusive mostrando-se instável, torna-se um alvo indecifrável. A instabilidade e a incerteza da lírica do período que se inicia com o século XX radicam, em todos os casos, no difícil ofício (o eco é proposital) de ser poeta. A poesia toma para si a responsabilidade por atingir a precisão do signo, da mesma forma como tenta minimizar a falta de correspondência entre o que se pensa e a forma com a qual se expressa este pensamento.

Os movimentos de vanguarda irão ter no bojo de suas características um desacordo com a realidade inclusive estética, até então centro das preocupações modernistas. O objetivo agora se manifesta através do rompimento da relação lógica entre a palavra e o objeto. Na verdade, o poeta reconhece na palavra uma existência própria, podendo ou não ter referencial no mundo externo à criação poética.

Hugo Friedrich ao descrever o papel de Rimbaud na poesia atual nos dá um exemplo claro desta tendência à ruptura com a realidade:

Não se quererá, certamente, avaliar poesia alguma, e muito menos a lírica, pela medida em que seus conteúdos de imagem, referidos à realidade exterior, são ainda exatos e completos.[...] Ela [a lírica] se preocupa sempre menos com a relação das partes do discurso entre si e de sua ordem de valor no próprio discurso.(FRIEDRICH, 1978, p. 75)

O escritor alemão ainda completa sua teoria revelando a maneira pela qual o crítico deve analisar a relação entre a lírica e a realidade:

Tanto mais necessário é, portanto, para o crítico, tomar a realidade heurísticamente para o confronto; pois só então se poderá avaliar a extensão da destruição da realidade que agora se sucede, [...].(FRIEDRICH, 1978, p. 76)

Esta desassociação da realidade conduz a duas vertentes mais nítidas. Claro está a ressalva que fazemos ao grande número de "ismos" que vemos surgir ao longo do início de nosso século. A primeira - talvez a mais conhecida - cria o seu próprio mundo à margem do modelo lógico-naturalista. A escritura ganha uma certa autonomia em sua forma e na função das imagens. Podendo assim não estabelecer nenhum tipo de relação com o referencial de uma realidade aparente. Ao libertar-se desta obrigação poderá gerar um mundo novo, que transcende o significado do que se crê estar vendo: "cada criação poética é uma unidade auto-suficiente." (PAZ, 1982) .

A outra manifestação poética é transcendente à própria aparência dos objetos, no sentido mais amplo da análise, ou seja, traduz-se na busca da essência destes objetos. Ao propor uma imersão, oferece-se a oportunidade de descobrir uma realidade até então desconhecida, mas que é existente e precisa ser despertada. A origem desta escritura parte da consciência metafísica, um enfrentamento do eu e do não-eu. Questiona-se a existência do mundo (formas e idéias), o que acaba por conduzir o poeta ao limiar da noção de vazio. Uma vez mais é a voz do escritor mexicano que nos resume esta concepção:

La forma, al consumarse, se consume, se extingue. Es una transparencia: no queda nada por ver ni por decir. Homenaje de la palabra al silencio, de la presencia a la ausencia, de la forma al vacío (PAZ, 1966, p. 19)2

Vanguarda na América Latina: o Surrealismo antecipado no continente.

O primeiro ponto a ser discutido é a relevância e influência do pensamento da modernidade na América Latina. Qual a importância da modernidade dentro do contexto de início de século neste Continente? Para tal, tomamos como referência a Nicolás Cassullo que em seu livro *El debate Modernidad Posmodernidad* nos diz:

En América Latina la discusión sobre la identidad de su biografía moderna adquiere especial relevancia desde este presente cubierto de incerteza, de agobios interiores y exteriores que metamorfosean su cultura . (p. 61)

Desta forma, a análise que ora começamos terá como vetor a questão do presente e da realidade vivida na América Latina como eixo fundamental da caracterização do conceito de moderno para nosso povo. Cassullo ainda acrescenta mais a diante:

Si la conquista y la colonización ibérica consolidaron valores y utopismos premodernos de aquella Europa para quien fuimos 'la mayor novedad' de los nuevos tiempos, luego el siglo XIX incorporaría, en América Latina, las primaveras y los veranos de la modernidad. (p. 61-2). Ao considerarmos tais aspectos, podemos notar o quanto a efervescência dos ânimos latino-americanos vai aos poucos ganhando espaço e, ao entrarmos no século XX conscientes de que é preciso buscar um meio de identificar-nos como possuidores de uma cultura própria, revelamos a todos nosso lugar no mundo. Um mundo diverso em tantas formas, em inúmeras individualidades, em rostos diferentes, mas havia que buscar algo que nos unisse como um povo que busca identidade. O professor Jorge Schuwartz (1995) define os passos dos movimentos das primeiras décadas deste século: "as nossas vanguardas literárias não sugerem outra forma se não a de um mosaico de paradoxos.(p. 19)"

Como caracterizar então os movimentos de Vanguarda na América Latina? O contato com os novos ares da Europa e o intento de buscar o novo, vão trazer a discussão o que é a novidade de nossos dias, e em que local encaixamos a "liberdade" da criação sem cair na esparrela do fictício sem fundamentos. O escritor cubano Alejo Carpentier (3) dá categoricamente o caminho a seguir, quando diz: "Hay que tomar nuestras cosas, nuestros hombres y proyectarlos en los acontecimientos universales para que el escenario americano deje de ser una cosa exótica." Claro e evidente que Carpentier quer refazer aquela visão européia que desenhou a "cor local" americana, segundo referenciais de seu próprio continente. Mas além disto, a voz do escritor quer revelar as inquietações dos movimentos vanguardistas.

O início do século faz a "apologia do espírito novo". Talvez seja esta a maior característica que uniu os diferentes "ismos" que vimos passar por aqui. Ainda segundo Schuwartz as vanguardas estéticas representariam a ponta de lança do processo moderno de 'automatização' da arte, na medida em que são movimentos análogos à divisão crescente do trabalho e à especialização técnica das sociedades industriais avançadas. (p.22). Sem nos desviarmos do conceito da estética dos movimentos vanguardistas, o professor Schuwartz ainda explica a noção de liberdade dizendo ser.

O senso da liberdade propicia, de um lado, a disposição de agir ludicamente no momento de criar formas ou de combiná-las, e, de outro, amplia o território subjetivo, tanto na sua conquista de um grau mais alto de consciência crítica (pedra de toque da modernidade), quanto na direção, só aparentemente contrária, de abrir a escrita às pulsões afetivas que os padrões dominantes costumam censurar. (p.23)

Outra observação que achamos prudente fazer diz respeito ao modo como os escritores latino-americanos resolveram as questões do material que serviria de base para a expressão da sua criação literária. O termo "vanguarda enraizada" muito nos auxilia a entender a dinâmica do processo artístico do movimento. Entendemos como sendo "um projeto estético que acha no seu próprio habitat os materiais, os temas, algumas formas e principalmente, o ethos que enforma o trabalho de invenção." (SCHUWARTZ, 1995, p. 25)

A forma com que cada escritor toma para si o compromisso vai apresentar variações, que no entanto não perderam de vista o material de que dispõe sua realidade. O que se há que comentar, é que diferentemente do que é visto pelos europeus como conceito de real, não o será pelos latino-

americanos. Nossa realidade está povoada do mais simples cotidiano, dos ambientes humildes do interior ao mais vivaz mundo mítico das crenças que convivem no dia-a-dia dos homens destas terras. Daí um grande labirinto das memórias arquetípicas de amor e morte que convivem com a esperança, os sentimentos e os medos, as lutas e as conquistas da gente que perpetua a sua própria história. Será este o poço que alimentará as narrativas de todos os rincões do continente latino-mericano.

Cabe-nos ir más além no conceito de realidade visto pelo prisma das relações entre os homens. A professora e estudiosa de Vallejo Nadine Ly, da Universidade de Bourdoux, expande o entendimento de real superior àquilo que se vê tão somente, "porque lo real", segundo a escritora, "lejos de ser el catálogo exhaustivo e inerte de los seres u objetos que existen, resulta de la conjunción de haces dinámicos de fuerzas o relaciones entre esos seres y objetos. Se convierte tal conjunción, y tan potente, en dinámica oposicional, en lucha franca y constante con el deseo." (p. 168)

Deste mundo completamente próprio que vimos ser a América Latina é que surgem tantos Borges, Carpentiers, Nerudas, Garcías Marques, Oswald de Andrades, Drumonnds e tantos outros. Os novos rumos do século possibilitaram entrarmos no mundo mítico do homem deste continente. Permitiu-nos ir mais fundo entre o fantástico e a realidade, sem que isto fosse afetado pela falta de reconhecimento. Em síntese, hoje a literatura da América Latina se estabelece frente a qualquer outra produção artística conquistando seu lugar de destaque na formação dos homens de nosso planeta. Sem sombra de dúvidas, estas poucas linhas, que ora acabamos, são uma pequeníssima homenagem a estes grandes escritores que deram um "rosto" à nossa América. Um rosto multifacetado, é verdade, mas extremamente importante para entendermos o mundo em que vivemos e como nos fazemos respeitar por isto.

Bibliografia

CASSULLO, Nicolás et al. *El debate modernidad posmodernidad*. Comp e prólogo de Nicolás Casullo. Buenos Aires: Pontosur, 1989.

FRANCO, Jean. *César Vallejo. La dialéctica de la poesía y el silencio*. Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

_____. *Historia de la literatura hispanoamericana*. 13 ed. Barcelona: Ariel, 1999.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. Trad. textos: Marisa M. Curioni, poesias: Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

LY, Nadine . *César Vallejo: la escritura y lo real*. Edición preparada por Nadine Ly [et alt]. Madrid: 1988.

PAZ, Octavio et al. *Poesía en movimiento*. México: Siglo XX, 1966.

_____. Os signos em rotação .In.: O Arco e a Lira. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 309-348.

SAINZ DE MEDRANO, Luis. *Historia de la literatura hispanoamericana (desde el Modernismo)*. 2 ed. Madrid: Taurus universitaria, 1992.

SCHUWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*. Polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Ed da Univ. de S.Paulo. Iluminuras. FAPESP, 1995.